

A sanha moralista nas redes sociais

Esse moralismo que aí está é irreversivelmente biruta, aloprado, détraqué

EUGÊNIO BUCCI
12/10/2017 - 12h32 - Atualizado 12/10/2017 12h46



Raiam as trevas no horizonte do Brasil. A liberdade anda em viés de baixa. Um manto de breu e caretice sai do armário das piores enfermarias e dos porões inomináveis para ameaçar transformar o país num quartel de cachorros, numa escuridão abarrotada de medos, culpas e fantasmas aflitos. O conservadorismo está à solta, com sua tara furibunda para encarcerar a política, banir a alegria e matar a imaginação. O bicho é horrendo – e se reproduz na velocidade da luz dentro das tecnologias digitais. A propósito, vai aí um aviso aos ciberdeslumbrados: quem acreditava que as redes sociais nos abririam os portais do futuro pode começar a considerar a hipótese de que elas talvez nos levem de volta aos calabouços do passado.

A coisa não veio sem aviso. Em abril, quando a Globo começou a exibir a série *Os dias eram assim*, correu pelo celular de todo mundo um vídeo de uns cinco minutos, quase seis, em que um sujeito de gravata e suspensórios esbravejava. Para ele, tinha entrado no ar “uma das coisas mais sujas que já se fez na dramaturgia de televisão” com o único propósito de “mostrar uma imagem ruim do regime militar”. Pela mais avançada das inovações tecnológicas, a doutrina do obscurantismo postava seu “conteúdo”.

Não dá mais para esconder. O que está em marcha nesta terra é o Festival de Besteiras – Reacionárias – que Assola o País (o Febê-rê-apá). Valei-nos, Sérgio Porto! A turba virtual baba de saudade da repressão política e moral dos anos 1970. O discurso moralista, além de rabugento e barraqueiro, é mistificador: acredita que a televisão tem o poder satânico de programar o pensamento dos seres humanos. No fundo, o conservadorismo não faz bom juízo da brava gente brasileira; acha que somos todos carneirinhos de cabeça oca à mercê das “lavagens cerebrais” promovidas pela ideologia de esquerda. Fora o que, esse moralismo que aí está é irreversivelmente biruta, aloprado, détraqué: acredita que a catedral das ideologias de esquerda no Brasil é a Rede Globo de Televisão.

O conservadorismo pátrio é um lobisomem que uiva em surto. No campo da política, quer acabar com a esquerda, com a “dramaturgia de televisão”, com a memória da guerrilha e, para simplificar o expediente,

com a própria política. Chega desse negócio de partido, de deputado, de senador. “Intervenção militar já!” Altas patentes se voluntariam para golpear o estado de direito. Depois de o general Antonio Hamilton Mourão pregar a “intervenção militar” se o Judiciário “não solucionar o problema político” (num vídeo que “viralizou” nas redes), o tropel só aumenta. Na quinta-feira (5), o general Luiz Eduardo Rocha Paiva subiu o tom: “A intervenção militar será legítima e justificável, mesmo sem amparo legal, caso o agravamento da crise política, econômica, social e moral resulte na falência dos Poderes da União”. (“Intervenção, legalidade, legitimidade e estabilidade.” Jornal *O Estado de S. Paulo*, 5 de outubro. Página A2.)

No campo da cultura e da arte, o lobisomem também uiva. Preconiza censura, execração e castigo. Prega a ordem dos cemitérios como ideal de vida. Pulsão de morte na veia. Quando sente o cheiro de imaginação e prazer, vitupera sobre os “bons” costumes sem libido. Defensores da moral sexual da brava gente espancam ou matam gays porque não sabem lidar com suas próprias inclinações homossexuais. Outro dia, num shopping de Brasília, bateram numa mãe e numa filha que saíam do cinema. Acharam que as duas eram um casal de lésbicas. Os mesmos que gritam “Chega de política!” gritam “Chega de imoralidade!”. Para eles, só a violência pode salvar o Brasil da corrupção e da depravação.

>> Mais coluna de Eugênio Bucci

No Rio de Janeiro, na semana passada, o prefeito estrelou um filminho para as redes sociais – sempre elas – em que afronta as liberdades asseguradas pela Constituição Federal e proíbe o Museu de Arte do Rio (MAR) de abrigar a exposição *Queermuseu*. Para quem não lembra, é a mesma que foi fechada em Porto Alegre depois que bravios rapazes convertidos ao moralismo entraram em histeria e foram às – sim – redes sociais declarar seu ódio contra os estímulos à pedofilia e à zoofilia que localizaram nas obras expostas. (Agora, espíritos ainda livres quiseram reabrir a *Queermuseu* no Rio, mas o prefeito vetou, em nome da castidade fluminense.)

Se puder, essa mentalidade queimará os livros de Freud, destruirá as estátuas gregas que retratam o hermafrodita, rasgará as pinturas sobre o mito de Leda e o Cisne e pulverizará os carros alegóricos da Marquês de Sapucaí. As trevas se erguem no céu da Pátria, no cibernético e plúmbeo céu da Pátria.